



Assumi, intencionalmente, o mandato que Jesus deixou aos Apóstolos: “Quando fordes revestidos da minha força e receberdes o Espírito de meu Pai, o Espírito Paráclito, e quando fordes pregar o Evangelho, pregai, também, a respeito do meu querido pai José” (*A história de José, o carpinteiro*, capítulo 30, n.3). O papa Francisco, com a sua Exortação *Patris corde* e eu, já fizemos o que nos competia. Que os cristãos, homens e mulheres, cumpram agora a sua parte.

Leonardo Boff

# SÃO JOSÉ

é a presença silenciosa  
daquele que se fez pai  
de Deus humanado

Para o teólogo, **SÃO JOSÉ** é o santo dos anônimos, dos trabalhadores e daqueles que assumem a sua missão. E vai mais além, ainda: sublinha que a Trindade fica completa com a encarnação da Sagrada Família.

**“Ele é o santo dos anônimos, dos trabalhadores que falam com as mãos, do silêncio operoso e da discrição”.** É assim que o teólogo Leonardo Boff define José, o esposo de Maria, aquele que assume a paternidade terrena de Jesus. Como o papa Francisco, também Boff chama a atenção para a coragem desse judeu, um homem que assume uma mulher grávida, e assume todas as responsabilidades paternas, por maiores que sejam os desafios. Coragem e acolhimento que o papa sublinha e quer estimular em todos, ao instituir 2021 como o ano de São José, através da Carta Apostólica *“Patris corde – Com coração de Pai”*.

**“Dele não nos ficou nenhuma palavra, apenas sonhos. Hoje, com a humanidade inteira recolhida, é uma boa ocasião para refletirmos sobre o sentido da vida e sobre a nossa relação com a Terra. São José é o santo da família reunida, das famílias que, também hoje, se têm de reunir em suas casas para se protegerem da contaminação da covid-19”**, reflete Boff.

Na entrevista que a seguir se apresenta, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, o teólogo recupera o José histórico e aponta nele elementos cruciais que nos podem encorajar. **“Precisamos de pais que acolham os desamparados, e que tenham coragem de levar a cabo iniciativas na sua rua e bairro, de prestar atenção a quem não tem condições para se defender, como ocorreu, exemplarmente, no bairro Paraisópolis, em São Paulo, e na favela da Maré, no Rio de Janeiro”**, alerta Boff. E conclui: **“Não basta, apenas, o aconchego caloroso da mãe. O pai é responsável pela travessia do mundo dos outros, onde existem diferenças, onde temos de respeitar certos limites e de aprender a conviver pacificamente. Não é tarefa fácil, mas é imprescindível, se não quisermos arriscar-nos a deixar marcas para sempre”**.

Boff dá-se, ainda, à tarefa de recuperar a teologia em torno desta personagem, da qual não nos restou uma só palavra nos registros canônicos. É o chamado silêncio, mas que em nada tem de omissão. **“É no silêncio que vemos melhor, que escutamos o apelo do coração, e que nascem visões que dão sentido à vida e nos alimentam a esperança. Foi o que sucedeu com o pai e trabalhador José”**, explica. Além disso, Boff diz que não podemos ignorar o Deus que se faz humano e que, em sua opinião, personifica a Trindade na família terrena de Cristo. **“São José não fala, por ser o portador deste mistério abissal no qual o Pai habita. José surge-nos como a pessoa que apresenta, pelo seu silêncio, o mistério do Pai. Acaba por ser a sombra do Pai, a própria personificação terrestre do Pai celeste”**, defende o teólogo.

Para ele, só será capaz de gerar o Divino quem for divino. **“Foi o que ocorreu com Maria. Se ela não tivesse dito *“fiat”*, faça-se, o Filho não teria sido concebido e nascido de Maria. Esse lado divino de Maria é, raramente, assumido pelas mulheres ainda reféns da cristologia, do Cristo, esquecidas de que, sem Maria, não teria havido Cristo”**, adverte Boff. Ou seja, já assumimos Cristo como Deus incarnado, mas precisamos, ainda, de assumir esta perspetiva sobre Maria. **“E São José, fica de fora?”**, questiona ele. **“A minha tese é a de que a Família divina se autocomunicou ao mundo na sua totalidade”**, acrescenta. **“Assim se encerra o círculo: a Família divina permanece, para sempre, na família humana que foi assumida por Maria, por Jesus e por José”**.

**LEONARDO BOFF** é doutor em Teologia pela Universidade de Munique, na Alemanha. Foi professor de teologia sistemática e ecumênica com os Franciscanos, em Petrópolis e, depois, professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor visitante em várias universidades estrangeiras. Entre os livros publicados, destacamos, *Igreja: carisma e poder*, (Vozes 1982/2014); *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade* (Rio de Janeiro: Record, 1993); *Civilização planetária* (Rio de Janeiro: Sextante, 1994); *Ecologia: grito da Terra, grito do pobre* (Petrópolis: Vozes, 1995); *A voz do arco-íris* (Rio de Janeiro: Sextante, 2000); *Do iceberg à Arca de Noé* (Rio de Janeiro: Sextante, 2002); *Homem: satã ou anjo bom* (Rio de Janeiro: Record, 2008); *Evangelho do Cristo cósmico* (Rio de Janeiro: Record, 2008); *Opção Terra. A solução da Terra não cai do céu* (Rio de Janeiro: Sextante, 2009); *Proteger a Terra-cuidar a vida. Como evitar o fim do mundo* (Rio de Janeiro: Record, 2010); *Ética e ecoespiritualidade* (Petrópolis: Vozes, 2011); *Saber cuidar* (Ed. 20. Petrópolis: Vozes, 2014), além de *Reflexões de um velho teólogo e pensador* (Petrópolis: Vozes, 2018). Especificamente sobre São José, escreveu *São José: a personificação do Pai* (Petrópolis: Vozes, 2005). E, mais recentemente, em tempos de pandemia, publicou *Covid19: a mãe terra contra-ataca a humanidade* (Petrópolis: Vozes, 2020).

**IHU On-Line – O Papa Francisco instituiu o ano de 2021 como sendo o ano especial dedicado a São José. Como é que recebeu esta notícia, e de que forma é que São José nos pode inspirar, neste momento de crise?**

**Leonardo Boff** – Recebi-a com surpresa e alegria. Surpresa, porque o Magistério falou só tardiamente de São José, e com alegria porque sou devoto deste santo, e lhe dediquei muitos anos de pesquisa, nos melhores centros teológicos do mundo, até da Rússia e da China. Considero o meu livro *São José: a personificação do Pai* (Petrópolis: Vozes, 2005), um dos melhores e mais criativos que escrevi.

Ele é o santo dos anónimos, dos trabalhadores que falam com as mãos, do silêncio operoso e da discrição. Dele não nos ficou nenhuma palavra, apenas sonhos. Hoje, com a humanidade inteira recolhida, é uma boa ocasião para refletirmos sobre o sentido da vida e sobre a nossa relação com a Terra. São José é o santo da família reunida, das famílias que, também hoje, se têm de reunir em suas casas, para se protegerem da contaminação da covid-19”.

**São José é o santo da família reunida, das famílias que, também hoje, se têm de reunir em suas casas, para se protegerem da contaminação da covid-19”.**

Neste momento de crise, ele é, para nós, exemplo de algumas virtudes, a que o papa Francisco dá bastante relevo: ser invocado como o “pai do acolhimento e da coragem criativa”, nesta altura em que muitos se sentem desamparados e abatidos, a ponto de desistirem. Precisamos de pais que acolham os desamparados, e que tenham coragem de levar a cabo iniciativas na sua rua e bairro, de prestar atenção

a quem não tem condições para se defender, como ocorreu, exemplarmente, no bairro Paraisópolis, em São Paulo, e na favela da Maré, no Rio de Janeiro. Na Carta Apostólica “*Patris corde – Com coração de Pai*”, o papa descreve-nos a figura de São José, e anuncia que o ano de 2021 será dedicado à sua pessoa. Procuremos ler, na íntegra, este documento (Ver a nossa *Folha Dominical* nº 2200, de 27.11.2020).

**Que leitura faz da Carta Apostólica “Patris corde – Com coração de Pai”, assinada pelo papa, e que dedica o ano de 2021 a São José? Que sinais Francisco nos quer transmitir, com este documento e esta proposta?**

Com o título “Pai de coração”, o papa, de forma nova e criativa, quer evitar os vários títulos que a tradição teológica atribuiu a São José, nem todos muito dignos: pai putativo, pai nutrício, pai legal, pai matrimonial e outros. A expressão “Pai de coração” evita tudo isto, e mostra que, pelo coração e o amor a Maria e a Jesus, ele se tornou, realmente, pai, assumindo todas as responsabilidades. Os evangelhos não o qualificam, apenas se referem, com naturalidade, a Jesus como “o filho do carpinteiro” (Mt 13,54-56); “não é ele filho de José, não conhecemos nós o seu pai e a sua mãe” (Jo 6,41-42)?

**“Pai de coração” mostra que, pelo coração e o amor a Maria e a Jesus, ele se tornou, realmente, pai, assumindo todas as responsabilidades.**

A Carta Apostólica *Patris corde* é um documento relativamente curto, de cunho pastoral e espiritual. Apresenta-nos as sete virtudes de José: pai amável, pai de ternura, pai de obediência, pai de acolhimento, pai de coragem criativa, pai traba-

lhador, pai na sombra. Se bem repararmos, são virtudes transculturais, estão presentes nas comunidades humanas, embora cada uma delas se sujeite a uma concretização muito própria. O papa comenta cada uma delas em termos existenciais, e aplicando-as às famílias de hoje. Vivemos numa sociedade sem pai, ou numa sociedade de pais ausentes. O papa apercebe-se da importância fundamental da figura do pai na construção da personalidade dos filhos e das filhas, especialmente no respeito ao outro e no sentido dos limites.

Não basta, apenas, o aconchego caloroso da mãe. O pai é responsável pela travessia do mundo dos outros, onde existem diferenças e conflitos, onde temos de respeitar certos limites e de aprender a conviver pacificamente. Não é tarefa fácil, - é até, por vezes, antipática - mas é imprescindível, se não quisermos arriscar-nos a deixar marcas negativas, para sempre, nos nossos filhos e filhas. É o que pode ler-se nas entrelinhas da Exortação *Patris corde*. Sob este aspeto, não se encontram, aqui, novidades teológicas de maior, como sucede, por exemplo, na Redemptoris Custos, de 15 de agosto de 1989, uma Exortação Apostólica de João Paulo II. Este faz aí, no nº 21, uma afirmação arrojada, ao sustentar que a paternidade humana de São José vem assumida no mistério da encarnação, assinalando, deste modo, uma certa dimensão hipostática.

**O que é ser um “pai de coração”?  
Qual a importância dessa figura, nestes nossos tempos?**

Vivemos numa sociedade dominada pela inteligência instrumental, com a qual mudámos a face do planeta, introduzindo profundas modificações na natureza e na sociedade mundial, algumas positivas, como o antibiótico e os meios de comunicação, e outras questionáveis. Na Laudato si', faz-se uma severa crítica à ditadura da

tecnociência assente, exclusivamente, na inteligência intelectual e eficientista. Proporcionou-nos muitas comodidades humanas, mas tornou as nossas relações funcionais e frias. Falta-lhes coração. Sabemos que o coração é a sede da empatia, do sentimento profundo, da solidariedade, da compaixão e, principalmente, do amor, da espiritualidade e da ética, numa palavra: da inteligência cordial, emocional e sensível.

Este tipo de inteligência surgiu há duzentos e vinte milhões de anos, com a irrupção do cérebro límbico dos mamíferos. Ao dar à luz a sua cria, estes amam-na, cuidam dela e defendem-na. A razão intelectual, transformada em instrumental-analítica, surgiu com o cérebro neocortical, há sete ou oito milhões de anos. É a mais recente, mas não a mais decisiva para a existência humana, embora precisemos dela para darmos conta da complexidade das nossas sociedades, esse esforço não é feito à custa da empatia, da gentileza e da ternura.

Esquecemo-nos que somos mamíferos sensíveis e racionais. Houve um descontrolo entre as duas inteligências. A intelectual e analítica reprimiu a inteligência emocional, a mais profunda e ancestral em nós, com a argumentação de que esta atrapalhava o olhar objetivo da ciência. Hoje, sabemos que nunca existiu uma inteligência fria e absolutamente objetiva. O ser humano está, sempre, presente com os seus sentimentos e interesses. O desafio atual consiste em resgatar a razão sensível, e enriquecer a razão intelectual. Não basta saber, precisamos de sentir o grito do pobre e da Terra. É esse sentimento, ausente em grande parte da nossa cultura que, unido à inteligência intelectual, nos poderá salvar da atual derrocada do nosso paradigma tecnocientífico. Este não deixa transparecer quaisquer sentimentos face à dor dos homens e

da natureza. Ou resgatamos a razão cordial e sensível, ou assistiremos ao assalto, cada vez mais insensível e avassalador, da razão tecnocientífica sobre a natureza, e correremos o risco de lançar a vida do planeta num processo de erosão.

**O desafio atual consiste em resgatar a razão sensível e enriquecer a razão intelectual. Não basta saber, precisamos de sentir o grito do pobre e da Terra.**

Daí a importância de resgatarmos os direitos do coração, tão exemplarmente vividos pelas práticas do papa Francisco em relação aos pobres e à Mãe Terra, maravilhosamente expressas nas duas encíclicas ecológicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*.

**O papa Francisco, referiu inúmeras vezes, especialmente através da figura de Nossa Senhora de Guadalupe, a necessidade de não nos tornarmos numa sociedade do 'desmadre' [que esquece a memória da mãe]. Qual o significado desta afirmação?**

Um dos temas mais queridos ao papa é o da ternura. Esta deve constituir o principal comportamento da pastoral, a ponto de Francisco chegar, mesmo, a falar da urgência de uma revolução da ternura. Já *Fratelli tutti* fala da necessidade de "haver lugar para o amor com ternura, em relação aos pequenos e mais débeis, aos mais pobres" (n. 194). A ternura é uma relação doce, suave como a mão que acaricia. É algo que resulta do cuidado essencial, o verdadeiro título da *Laudato si'*: sobre o cuidado da Casa Comum. Todos os seres humanos são portadores de cuidado e de ternura. Mas esta adquire uma densidade ainda maior nas mulheres. São elas que cuidam, durante nove meses, da vida que cresce dentro de si. Depois,

veja-se o cuidado e ternura que dedicam aos filhos e filhas, levando-os a crescer sem medos existenciais.

O papa Francisco vive, pessoalmente, este enternecimento maternal para com os pobres e refugiados vindos de África, e para com os da América Latina, querendo, mesmo, ir aos EUA, e o seu cuidado abrange a nossa relação com a natureza e com todos os seres tidos como irmãos e irmãs na grande Casa Comum. Maria viveu este cuidado, em relação ao filho que crescia dentro dela, durante toda a vida, até junto à cruz do Senhor. Esta deve ser a atitude assumida pelos seguidores do seu Filho, a quem foi incutido este cuidado, e que sempre revelou uma especial atenção para com os doentes e empobrecidos. Esta deveria ser, também, a atitude vivida pela *Mater Ecclesiae*, abandonando, duma vez por todas, os burocratismos e ritualismos que se exercem quase mecanicamente, sem qualquer envolvimento pessoal. Daí a importância que o papa atribui a Maria nas atitudes da Igreja, por vezes demasiadamente doutrinista e ritualista.

**Quem foi São José? Como compreender esta figura no seu tempo, um homem judeu que acaba por escolher uma mulher grávida?**

O José da história é um artesão, um pai, um esposo e um educador. Nada sabemos sobre as suas origens. São Mateus diz que seu pai foi Jacob (Mt 1,16). São Lucas refere que foi Eli (Lc 3,23). Quer dizer, é algo que não sabemos, exatamente, nem sequer como foi o seu fim. Apenas sabemos que não tem origem no mundo das letras (escribas), nem das leis (fariseus), da burocracia estatal (cobradores de impostos e saduceus), nem da classe sacerdotal e levítica. É um homem do interior, morador de uma desconhecida povoação, Nazaré. Atribuir a alguém o apelido de nazareno, como sucedeu a José e, depois, a Jesus, equivalia a considerá-

lo um “severino e pobretão”, como nos surge no evangelho de São João, havendo alguns famosos exegetas que sustentam ser esta a interpretação correta deste mesmo evangelho.

A sua profissão é, em grego, designada com o termo *tékton*, nome genérico para alguém que trabalha a madeira, um carpinteiro multifuncional, pois construía casas, telhados, cangas, móveis, rodas, prateleiras, carros de boi. Sabia, ainda, trabalhar a pedra, construindo muros e sepulturas, e manejava o ferro na execução de enxadas, pás, pregos e grades. Jesus foi iniciado na profissão do pai, pois é chamado “o filho do carpinteiro” (Mt 13,55). Ninguém vivia só de uma profissão. Quase todas as pessoas trabalhavam no campo, no cultivo de frutas e legumes, numa terra ainda hoje considerada das mais férteis do mundo. Também cuidavam do pastoreio do gado, de cabras, de ovelhas e doutras espécies. Tudo isto está implícito na profissão de Jesus, enquanto *tékton*, um *factotum*.

### O pai corajoso

Já nos referimos a José como pai e como esposo. É uma pessoa corajosa que assumiu como esposa uma jovem grávida, e a levou para casa; sabe-se lá os comentários que terá tido de ouvir, numa pequena povoação onde todos sabem tudo acerca de todos. Não o fez sem preocupação. E diz-se que era um “homem justo” (Mt 1,19a). Mas não no sentido que hoje damos a esta palavra, como aquele que atribui o devido valor às pessoas e às coisas, e que faz tudo direitinho. Bíblicamente, ser justo é também isso, mas é, principalmente, ser-se uma pessoa piedosa. Uma pessoa que vive a ordem do amor a Deus, às tradições do povo, e que frequenta a sinagoga semanalmente. Quem assim vive transforma-se, bíblicamente, num justo, isto é, numa pessoa que sobressai socialmente e que, pelo seu exemplo, assume, até, uma liderança

espiritual.

Esta atmosfera fez dele um educador muito especial do menino que crescia em sabedoria e graça. Iniciou-o nas tradições e festas do povo, como faz qualquer pai deste mundo. Se Jesus, na sua vida pública, pregou o amor incondicional e chamou a Deus “*Abba*” (paizinho querido), foi porque, na carpintaria de José e junto de Maria, teve ocasião de experimentar esta intimidade. Jesus observou esta atitude em seu pai e assumiu-a como experiência tipicamente sua.

**Se Jesus, na sua vida pública, pregou o amor incondicional e chamou a Deus “*Abba*” (paizinho querido), foi porque, na carpintaria de José e junto de Maria, teve ocasião de experimentar esta intimidade.**

**Por que é que, nos Evangelhos e outros livros do Novo Testamento, nunca se ouve a voz de José? Como podemos interpretar este silêncio de José?**

Este silêncio de José não é nenhum mutismo de quem não tem nada a dizer. É um operário que fala pelas mãos e pelo exemplo (justo). Nem é o absentismo de um alienado que não capta o que se passa com ele. Ele sabe, como esposo, pai e educador, qual é a sua missão, aquela que importa cumprir. Está sempre presente, quando se torna necessária a sua presença: na gravidez, no parto, na escolha do nome do bebé, na hora do batismo judaico (circuncisão), na fuga para o Egito, na definição do lugar onde morar, Nazaré, na iniciação de Jesus nas tradições religiosas do seu povo, indo ao templo aos doze anos.

Estas ações expressam-se mais por gestos do que por palavras. Paul Claudel, que amava muito São José, por causa do

seu silêncio, escreveu em 1934 a um amigo: “O silêncio é o pai da Palavra. Em Nazaré há, somente, três pessoas muito pobres que simplesmente se amam. São os que irão mudar o rosto da Terra”.

**O silêncio de José não é nenhum mutismo de quem não tem nada a dizer. É um operário que fala pelas mãos e pelo exemplo (justo).**

O silêncio de José representa o nosso quotidiano. Grande parte da nossa vida acontece no seio da família e no trabalho. Logicamente, há demasiadas palavras. Mas quando temos de ouvir o outro, silenciámos. Quando trabalhamos, não conversamos nem discutimos. O trabalho só será bem feito, quando nos concentramos, silenciosamente. Possuímos, também, o nosso mundo interior, os nossos sonhos, as nossas perguntas e preocupações. É silenciando que vemos melhor e que escutamos o apelo do coração, e é então que nos surgem visões que dão sentido à nossa vida e nos alimentam a esperança. Assim sucedeu, também, com o pai e trabalhador José.

### **Os sonhos de José**

Mas há uma razão mais profunda que cabe à teologia investigar. O Pai eterno é o mistério absoluto, para o qual não há palavras. Ele não fala. Quem fala é o Filho. Mas, como Jesus afirmou, o seu Pai trabalha e ele também. O inefável expressa-se pelo mais profundo que existe em nós que é, de acordo com psicólogos como C. G. Jung, o inconsciente universal. A sua forma preferida de comunicação faz-se através dos sonhos e dos Grandes Sonhos. Foram estes os que José de Nazaré teve. É a morada do mistério, do Pai, do Filho, na força do Espírito.

Ora, São José não fala por ser o por-

tador deste mistério abissal no qual o Pai habita. José surge-nos como a pessoa que apresenta, pelo seu silêncio, o mistério do Pai. Acaba por ser a sombra do Pai, a própria personificação terrestre do Pai celeste. É este o sentido secreto do silêncio de José, adequado ao mistério que exige um silêncio reverente, dado que nenhuma palavra o poderá exprimir.

**São José não fala por ser o portador deste mistério abissal no qual o Pai habita.**

### **Então, no seu entender, José é a personificação do Pai?**

A tese central de meu livro sustenta que Deus se autocomunica tal como ele é. Se é uma Trindade de Pessoas, elas estão eternamente juntas, e juntas atuam segundo a sua singularidade pessoal e, deste modo, se autocomunicam no mundo. Sustento que a primeira Pessoa divina a vir a este mundo foi o Espírito Santo. São Lucas 1,35 afirma-o claramente: o Espírito veio sobre Maria e armou sobre ela a sua tenda (*episkiásei*), o que significa que começou a morar, definitivamente, nela.

Por trás desta afirmação está o verbo *skéné* que significa tenda, moradia. É a mesma palavra que São João usa para a encarnação do Verbo, do Filho (*eskénosen*). Aplicando o conceito à vinda do Espírito Santo sobre Maria, equivale a dizer que ele a assumiu e a elevou à sua altura divina. Por isso, consequentemente, se diz: “por causa disto (*dià óti*), o Santo nela gerado será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35).

Só quem for feita divina poderá gerar o Divino. Foi o que ocorreu com Maria. Se ela não tivesse dito “*fiat*”, faça-se, o Filho não teria sido concebido e nascido de Maria. Essa porção divina de Maria é, raramente, assumida pelas mulheres, que estão ainda reféns da cristologia, do Cris-

to, esquecendo que, sem Maria, não existiria Cristo. Da encarnação do Filho não há dúvida, pois se transformou em doutrina dogmática em todas as igrejas cristãs. E São José, ficou de fora? A minha tese é a de que que a Família divina inteira se autocomunicou ao mundo. O Pai, mistério absoluto que guarda um eterno silêncio (quem fala é o Verbo, o Filho), encontrou a pessoa adequada, capaz de acolher a sua presença entre nós, em São José, o homem do silêncio e do trabalho. São José, segundo esta compreensão, é a personificação terrestre do Pai celeste.

### **Equilíbrio perfeito entre a Família divina e a família humana**

Agora, temos um equilíbrio perfeito, porque Deus-Trindade se autocomunicou, totalmente, conosco: a Maria pelo Espírito Santo, a Jesus pelo Filho, o Verbo, a São José pelo Pai. Deus, tal como é, comunhão de Pessoas que estão, eternamente, juntas (*pericórese*), no amor mútuo e na mútua entrega de um ao outro.

Deste modo, se fecha o círculo: a Família divina está para sempre na família humana que foi assumida por Maria, por Jesus e por José. Pertencemos, eternamente, ao Reino da Trindade, feitos Deus por participação, correspondendo a cada uma das divinas Pessoas em sua singularidade. Esclareça-se que isto ainda não constitui doutrina, mas apenas um teologúmeno, isto é, uma reflexão teológica bem fundada, que um dia poderá ser assumida por toda a comunidade cristã.

### **Uma das cenas mais comoventes da natividade, é a jornada de José e Maria até Belém. Como é que interpreta esta passagem? Quais as questões de fundo nela presentes que normalmente são esquecidas?**

Essa jornada de Nazaré até Belém deve ser corretamente interpretada. O imperador César Augusto decretou a realização de um recenseamento. A finalidade não

era, simplesmente, saber quantos habitantes havia no Império, mas estabelecer um imposto por cabeça. Este imposto anual era para manter a infraestrutura de sacrifícios ao Imperador que se apresentava como Deus. Os judeus não podiam aceitar semelhante blasfêmia, pois isso implicava reconhecer um Deus que não era o único e verdadeiro, Javé.

Por isso, houve muitas revoltas, até à última, no ano sessenta e sete, que significou a completa dizimação do povo e do templo. E os que restaram, foram levados como escravos para fora da Judeia. Foram eles que, obrigados, construíram o canal de Corinto, que ainda hoje existe, a unir o Adriático ao Mediterrâneo.

José e Maria tiveram que submeter-se a este édito. Como não havia lugar nas hospedarias da região, não lhes restou outra alternativa senão refugiarem-se numa estrebaria de animais. Ali nasceu Jesus, fora da comunidade humana e entre os animais. Aquele que veio da escuridão foi o primeiro a ver “a Luz verdadeira que ilumina cada pessoa que vem a este mundo” (Jo 1,9).

### **Outra cena que completa a jornada de José e Maria, é a fuga para o Egito, já com o menino Jesus. Poderia explicar-nos esse outro momento? E o que ele revela sobre a forma como José encarava o poder político, especialmente o de Herodes?**

Herodes era um rei sanguinário que temia perder o seu trono. Sabendo que nascera um menino da descendência de David, eventual sucessor ao trono, mandou matar todos os meninos com menos de dois anos de idade, para assim se assegurar de que não teria quaisquer pretendentes. Foi este o procedimento do genocida. E as Escrituras trazem uma das mais comoventes expressões das mães que perderam os seus filhos: “uma voz em Ramá foi ouvida, lamentação e choro copioso. Raquel chorando os seus filhos; e não

quer deixar-se consolar, porque eles já não vivem.” (cf. Mt 2,18).

Quantas mães de hoje, na Baixada Fluminense, choram os seus filhos inocentes, mortos pela polícia, enquanto estavam a brincar ou, simplesmente, a conversar à porta de casa. Sabendo quão sanguinário era Herodes, José tomou Maria e Jesus, atravessou o deserto, com todos os riscos que os evangelhos apócrifos relatam, e chegou com eles ao Egito, país odiado pelos judeus, pelo tempo de escravidão que lá sofreram. Voltou, somente, quando se certificou de que Herodes tinha morrido, e foi esconder-se numa povoação desconhecida do norte, em Nazaré, para aí ficar, finalmente, seguro com a família.

**Que narrativa predominou sobre São José, até ao decreto *Quemad modum Deus*, assinado em 8 de dezembro de 1870 por Pio IX, em que José é nomeado Esposo de Maria e Padroeiro da Igreja Católica? E o que muda na história contada acerca de José depois desse decreto?**

Duma maneira geral, São José nunca foi objeto central de interesse na Igreja latina. Quase tudo se concentrava em Jesus e em Maria. Apenas no século VIII se deu início a um certo culto a São José. Só a partir dos anos 800 aparecem os primeiros sermões, pois a Igreja não sabia o que fazer com alguém que não dissera nenhuma palavra e que, apenas, tivera sonhos. Só em 1870 ele foi proclamado patrono da Igreja Universal, não pelo Papa Pio IX, mas por um decreto da Congregação dos Ritos.

Pio XII proclamou o dia primeiro de maio como dia de São José, o trabalhador. Mas foi, somente, o papa João XXIII que introduziu o seu nome no cânone da missa: São José, Esposo de Maria. O verdadeiro culto a São José, seja como trabalhador ou patrono da boa morte, foi

durante muitos séculos cultivado pelo povo. As pessoas conheciam os apócrifos, cheios de pormenores sobre a vida quotidiana de Jesus, que muito inspiraram os artistas renascentistas e, até hoje em dia, continuam a inspirar, como se verifica, entre outros exemplos, com *A história de José, o carpinteiro* e *Diálogos de Jesus, Maria e José*. São comoventes as palavras de Jesus, em *A história de José, o carpinteiro*: “Vendo-o prestes a expirar, debrucei-me sobre o corpo de meu pai José, fechei-lhe os olhos e a boca, e levantei-me para o contemplar”. Mais tarde, Jesus confidenciou aos Apóstolos: “quando o iam sepultar, não me contive, lancei-me sobre o seu corpo e chorei durante muito tempo”.

São José, fruto da devoção popular – é o patrono do Ceará – acaba por ter o seu nome atribuído a pessoas, ruas, edifícios, escolas e a várias congregações religiosas, especialmente à dos Josefinos, que espalham o seu nome pelo mundo. Ouçamos, entretanto, um dos maiores conhecedores da Josefologia, dos estudos sobre São José: “a Santa Sé foi a última a ser conquistada para a devoção a São José” (Roland Gauthier). Com a Exortação Apostólica *Patris corde* do papa Francisco, foi dado mais um passo na consolidação da devoção daquele que, no meu entender, é a personificação do Pai celeste.

**São José é também uma das figuras mais presentes na piedade popular. Qual a sua análise sobre esta devoção, especialmente no Ceará e Nordeste brasileiro?**

Na Igreja oficial são os papas, bispos e padres que detêm a palavra e que possuem visibilidade. São José, oficialmente, é quase invisível. Mas existe um poderoso cristianismo popular, quotidiano e anónimo, do qual poucas pessoas se apercebem. É nesse ambiente cristão que vive a

grande maioria dos fiéis, os nossos pais, avós e parentes que tomam a sério o Evangelho e o seguimento de Jesus. São José, devido ao seu anonimato e silêncio, insere-se nesse pequeno mundo das grandes maiorias.

Mais do que patrono da Igreja universal, São José é o patrono da Igreja doméstica, dos irmãos e irmãs menores de Jesus. Ele é um representante da “gente boa”, da “gente humilde”, dos sepultados no seu dia a dia cinzento, dos que ganham a vida com muito trabalho e suor, e conduzem, honradamente, as suas famílias pelos caminhos da honradez, da solidariedade e do amor. Orientam-se mais pelo sentimento profundo de Deus, do que por doutrinas teológicas sobre Deus. Para eles, como para José, Deus não é um problema, mas uma luz poderosa para os problemas.

Foi num ambiente assim, popular, que cresceu e se educou Jesus. E o povo, inconscientemente, na sua fé intuitiva, captou esta singularidade, de quem não fala, mas sempre acompanha os fiéis nas suas dificuldades e festas.

**Mais do que patrono da Igreja universal, São José é o patrono da Igreja doméstica, dos irmãos e irmãs menores de Jesus.**

**Que mensagem nos pode deixar no sentido de enfrentarmos 2021 com coragem e alegria, de modo a que, mesmo perante as adversidades, sejamos capazes de cultivar a esperança de um novo tempo?**

Vivemos tempos sombrios, como os vividos por São José. Ele nunca abandonou Maria, e permaneceu junto do seu Filho até ele começar a sua missão libertadora. Cumpriu a sua missão e desapare-

ceu, pois, fez tudo o que tinha a fazer, como pai, esposo, trabalhador e educador. Ele nos poderá acompanhar nestes tempos de desânimo e dor de tantos milhares de pessoas e, no mundo, de tantos milhões que perderam os seus entes queridos.

O seu filho não morreu na cama, mas atormentado por dores terríveis, no alto duma cruz. Mas ressuscitou para nos dizer: a morte não terá a última palavra. Mesmo os que morrem, hão de seguir-me na ressurreição. Sou, apenas, o primeiro entre muitos irmãos e irmãs. A vida não é feita para acabar na morte, sobretudo de forma tão triste como agora, mas para se transformar, através da morte, em vida nova no seio de Deus, que nos recebe a todos como Pai materno ou Mãe paterna, para vivermos felizes com todos os que nos antecederam, avós, pais, irmãos, parentes e amigos. Será sempre a vida a escrever a última página.

Uma palavra final: assumi, intencionalmente, o mandato que Jesus deixou aos Apóstolos: “Quando fordes revestidos da minha força e receberdes o Espírito de meu Pai, o Espírito Paráclito, e quando fordes pregar o Evangelho, pregai, também, a respeito do meu querido pai José” (*A história de José, o carpinteiro*, capítulo 30, n.3). O papa Francisco, com a sua Exortação *Patris corde* e eu, já fizemos o que nos competia. Que os cristãos, homens e mulheres, cumpram agora a sua parte.

**Vivemos tempos sombrios como os vividos por São José. Ele nunca abandonou Maria e permaneceu junto do seu Filho até ele começar a sua missão libertadora.**

# Liberalidade

Fora de um quadro crente que vê a Deus como único Senhor e, conseqüentemente, recusa cultivar a qualquer ídolo, é difícil compreender a posição católica sobre a economia. De resto, a verificação histórica vem, pelo menos, atestar um dado: o processo de desumanização da economia e da sua conversão em atividade mais ou menos selvagem é paralelo à secularização e à desvinculação do religioso.

No seguimento dos dados bíblicos, a Igreja ensina: a economia é uma atividade humana fundamental e, em linha de princípio, há que aceitar a ordem económica; tal como o próprio homem, há que humanizar este setor, colocando-o ao serviço efetivo das pessoas e dos povos; há que estar vigilante e alertar para os frequentes desvios que geram situações injustas e pecaminosas; há que educar para o bom uso dos bens, excluindo toda a apropriação ou desejo imorais; há que propor a «utopia escatológica», isto é, o valor da pobreza voluntária para a realização da comunhão plena entre todos os homens.

A Igreja, que «está no mundo sem ser do mundo», conhece bem as

causas e os efeitos do desejo desordenado das riquezas. Sabe que as conseqüências são os diferentes tipos de pobreza, a fome, as guerras, a exclusão social, a marginalização, a prostituição, a toxicodpendência, etc. Para além do problema ecológico. E sabe também que as formas usadas para a apropriação indevida de bens e a avidez de ganhos continua a ser a corrupção, a usura, a fuga aos impostos, a especulação bolsista, etc. E que tudo isto é, simultaneamente, causa e efeito de um coração que adora o ídolo do «ter».

Como critério moral, a Igreja continua a afirmar que a finalidade da economia não é o mero aumento dos produtos disponíveis, nem sequer o lucro, o benefício pessoal, o poder e as honrarias. Admite, plenamente, a “desigualdade funcional”, isto é, que sejam compensados os que mais trabalham, criam e investem. Mas só concebe a economia como serviço ao homem integral: ao “homem todo e a todos os homens”, como diria Paulo VI.

Nesta linha, a Igreja, que não é contra os bens nem contra a sua produção, continua a propor a liberalidade e a partilha como fatores de libertação pessoal e comunitária. Como motores de um mundo que pode ser bem mais feliz.

+ *Manuel Linda*

Bispo da Diocese do Porto

<https://www.diocese-porto.pt/pt/documentos/outros-documentos/mensagens/mensagens/2021/112-liberalidade/>

*Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.* Cora Coralina



"A Bigger Splash", David Hockney

A cápsula do tempo contém segredos, e um deles é o que nos permite saber até onde chegámos: até onde a nossa filosofia da felicidade fez justiça a princípios antitéticos.

Construímo-nos através do pensamento e do agir e, tanto mais, quanto tivermos sido certamente ecléticos, mutáveis, nessa construção do crescer, sendo certo que neste domínio, tudo afinal pode ser inventado se não nos sujeitarmos a um modelo assegurado.

Não é tarefa fácil, a de encontrar o caminho de transferir o que aprendemos e de aprendermos com o que ensinamos, se formos conscientes de que percorremos um horizonte que se vai evaporando a cada vez que o julgamos mais próximo.

Se soubermos que por aqui também o ecletismo da felicidade, a procura da terra prometida, sem que se chegue a possuir as chaves que abrem a sua porta, mas, para nós, um valor de luta e referência, e que tanto baste!

Afinal, é do nosso conhecimento que sempre que o homem se reduz, o mundo mirra, e o farol que guia a navegação das ideias, amarelece.

Então, retificar trajetórias, refletir nas dúvidas, convocar o paradigma de um dia sermos um pouco de nós, num noutro, é igualmente crer que esse outro vença mais medos por sempre próximo de David Hockney!, na capacidade de fazer face à institucionalização arbitral dos valores.

*Teresa Bracinha Vieira*